

JANUÁRIO

1035

1936

OTUQO

**- VENTINA
teórica /**

da



**célula comunista
da fortaleza de Zéniche**

PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES: UNI-VOUS

Para o Sindicato Unitário do Pessoal
do Tribunal de Marinha, com as suas
melhores saudações revolucionárias,
pelo a C.^{ta} Comunista da Fortaleza
de Peniche

O Secretário (S)

à memória do camarada

HENRI BARBUSSIE



forjada também debaixo do fogo

JANEIRO

Nº 1

1936

O FOGO



A nossa revista

Chamamos "O Fogo" à nossa revista, à memória do camarada Henri Barbusse, falecido há pouco em Moscovo.

Barbusse foi um das maiores lutadores da causa operária. Membro do Partido Comunista Francês, foi o propulsor incansável da luta Anti-Fascista em todo o mundo. Desenvolveu uma actividade prodigiosa desde a guerra até à sua morte. Vindo da guerra, durante a qual combateu, escreveu "O Fogo", a obra genial de combate à guerra. A fome, a brutalidade, a morte, o espáculamento e a destruição, em todo o seu apogeu, transformaram-no no adversário irreductível da guerra.

A nossa revista é escrita aqui, na prisão, debaixo da mais rigorosa repressão. Esperamos ser surpreendidos a cada momento pela policia a suprir todas as consequências brutais que resultam dos nossos actos revolucionários. Trabalhamos debaixo do fogo implacável do fascismo, que abominamos.

Exortamos todos os camaradas a que ajudem o nosso trabalho.

Prendemos levar ao conhecimento de todos os camaradas de prisão diversas questões de ordem teórica e prática, de modo a que nos apetrechemos melhor para a luta revolucionária, que agita os países de todo o mundo.

Petróleo...

O petróleo acciona navios de guerra e mercantes, tanques e aviões, tractores e automóveis, põe em movimento centrais elétricas e fábricas, ilumina e aquece. É o sangue da indústria; é vital para os povos na paz e na guerra. As nações que possuem petróleo dominam o mundo.

Nem todos os países o têm, embora esteja espatilhado por todos os continentes.

Em 1932 a produção mundial era:

Estados Unidos...	106.653.329, T
U.R.S.S.	21.395.700, ,,
Venezuela	17.085.278, ,,
Rumania	7.350.32, ,,
Persia	6.549.535, ,,
México	4.906.536, ,,
Índia Holandesa	4.897.748, ,,
Colombia	2.342.976, ,,

Seguem-se por ordem de produção:

a Argentina, Trindade, o Perú, a Índia Inglesa, a Polónia, o Borneu Britânico, o Egipto, o Japão e outros países. Os poços petrolíferos do mun-

do e as reservas estão divididas por três entidades formidáveis:

1ª - "Standard Oil", companhia Norte Americana, presidida por Rockefeller cuja fortuna pessoal é superior a umbilicão de dolares. Possui quasi 200.000 kilometros de "oleodutos", o bastante para dar 5 voltas à terra.

Os "oleodutos" ou "pipe-lines" são as canalizações pelas quais o petróleo é transportado.

2ª - A "Royal Dutch" companhia inglesa dirigida por De Baring. Possui 72% da totalidade dos barris e cisternas de todo o mundo (8 milhões de toneladas). É detentor de terrenos petrolíferos em quasi todo o mundo. Tem como principais filiais a "Anglo Persian" e a "Mexican Eagle".

3ª - A "AZNAP", Trust da U.R.S.S., aumentou a sua produção de petróleo de 1903 para 1932 de 86%; aumentou a produção de gasolinas de 1000% e a

seguir aos Estados Unidos é a U.R.S.S. o país que mais petróleo produz. A Itália é o primeiro cliente da U.R.S.S. A exportação é de 1.500%. Os pipelines triplicaram.

A U.R.S.S. é detentora da melhor petróleo do mundo (Bakú) e das maiores reservas.

Por baixo do mar Caspio, existe um mar de petróleo. Os Urais Maikop, Grosny o Lago Baical, o Turquestão, são reservas imensíssimas.



Tendo a importância que assinalamos, o petróleo é a moeda principal da política mundial. As lutas, quer diplomáticas quer económicas ou militares, travadas entre blocos imperialistas, encontram a sua origem na posse das fontes de matérias primas e dos mercados, mas o petróleo desempenha um papel de primeira grandeza.

Quando lemos nos jornais as notícias das lutas no Chaco Boreal e na Etiópia ou as revoluções no México, na Venezuela no Panamá ou Colômbia, não nos lembramos de que são os agentes

de Deterding, de Rockefeller e das outros magnatas. As lutas "revolucionárias" são os interesses das grandes companhias de petróleo que as manejam.

Todos esses "generais" e caudilhos "revolucionários" não passam de agentes ao serviço da "Standard" ou da "Dutch". Marrem milhares de patriotas da Bolívia e do Paraguai para que se enchem os cofres de Deterding ou de Rockefeller. Milhares de camoradas venezuelanos encontram a morte na construção de estradas para que o petróleo da "Dutch" corra ininterruptamente. Fusilam-se trabalhadores na Abissínia; a Itália reduz um país a um montão de ruínas, para possuir as camisas riquíssimas em petróleo no Tigré e dominar o Nilo Azul.

Todo o mundo arde e vai explodir, sendo o petróleo uma das causas mais importantes.

Uma das facetas desta luta particularmente interessantes para nós, é a que se dirige

4
contra a U.R.S.S.

Deterding foi o dono dos poços e das refinarias de Bakú e da Geórgia.

A revolução soviética expropriou-o e expulsou-o como a todos os capitalistas do Território da União. Foram enormes as suas perdas.

Por isso Deterding move uma campanha gigantesca contra o Poder Obrero.

Subvenciona todas as organizações contra revolucionárias de russos brancos.

É dono de 100 grandes diários mundiais que preparam a opinião pública de modo a virá-la contra a U.R.S.S.

Possui agências especiais de informações de esalúias anti-soviéticas.

Orienta a política britânica contra a U.R.S.S.

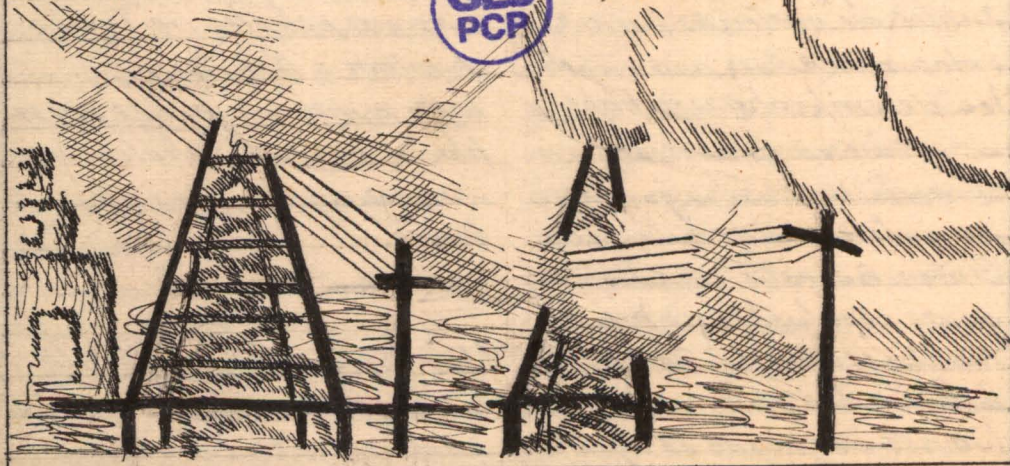
Tem grandes poderes sobre a "Intelligence service" o serviço secreto inglês.

É também interessante notar como os magnates do petróleo têm fortes interesses nas fábricas de ma-

terial de guerra: Sir Basil Zaharof é também o dono da fábrica "Vickers" e de armamentos, da Maximis e de outras.

Cadman, Rickett, Pearson e quasi todos os outros, constituem as personagens sinistras que dominam o mundo e semeiam a morte. São êles que vão produzir a guerra mundial que estoirará dentro em pouco.

GES
PCP





DO CONCEITO DE LIBERDADE

O propósito do conceito anti-determinista da liberdade, dos anarquistas, numa das sessões da polémica que travámos, numa das eser-nas, respondemos-lhes:

A liberdade, como dissemos, da primeira vez que falámos, é inteiramente condicionada pelo meio. Não é apenas pelo meio actual, e que nos cerca imediatamente, mas também pelo meio em que têm vivido as sociedades humanas anteriores, isto é, a Terra, e, de um modo geral, a natureza. Não somos livres de fazer o que queremos, porquanto o próprio querer é já condicionado pelo meio, que actua sobre o nosso organismo, e pelo que herdamos das gerações anteriores. O querer é uma manifestação do nosso cérebro ao reagir em determinadas condições ambientais.

O cérebro, sede do sistema nervoso central, é o órgão mais prodigioso que resul-

ta da acção do meio e da reacção do nosso organismo. Para que chegasse ao estado actual de evolução, a espécie humana, como de resto todas as outras, teve que passar, durante milhões de milhões de anos, por formas sucessivas cada vez mais complexas. Assim, um indivíduo é um resumo do que o meio foi produzindo através dos tempos. Adquire novos caracteres durante a vida, soma-os aos que recebeu por hereditariedade e transmite-os aos descendentes. Foi por este "processus" que, de seres unicelulares (e sabemos lá sede outros...) resultou a espécie humana.

Milhares de séculos nos separaram do nosso antepassado imediato o Homo Stupidus, ser, sem dúvida a perfeccioníssimo comparado com o Pithecanthropus Erectus, com o Protitlobates e com todas as espécies que, retrospectivamente nos levariam, através dos eielóstomos, dos acarianos,

dos gasterados, etc. até às moneras, seres de uma só célula, sem núcleo, agregados de protoplasma na sua expressão mais simples.

De todos eles herdamos caracteres que determinam sempre o que somos em cada momento. Dizemos, em parte, porque deles resulta o nosso sistema nervoso, do qual depende, com os accões do meio, o tal 'quereré' nosso.

Por isso já podeis ver como somos "livres" de fazer o que queremos...



Tomemos um exemplo dum acto que nos parece inteiramente livre e analisemo-lo.

No almoço, nos dias em que há bacalhau, espeto o meu garfo numa posta e ponho-a no meu prato.

Tive ou não liberdade de fazer?

Vejamos.

Fenómenos, de ordem fisiológica, mais ou menos complexos, provocaram-me fome.

Fenómenos, também com-

plexos, mas doutra ordem, fazem com que eu aqui esteja preso. Fenómenos ainda diferentes fazem com que o almoço aqui seja trazido aquela hora. A direcção da cadeia determinou que uma só posta coubesse a cada um de nós.

Em nenhum destas factoras deterministas da minha attitude entrou a minha vontade, o meu querer.

Por um conceito moral que implicitamente estabelecemos, nenhum de nós tira duas postas ou mais, porque iríamos prejudicar e amarradas nossos.

Só aqui é que haveria lugar (bem pequeno por sinal, pois que somos muitos) para que a minha "liberdade" de actuar se manifestasse. Como vêdes, não sou livre de tirar uma ou duas postas de bacalhau.

Se entenderem por liberdade a faculdade, não livre (natural e social) de fazer o que não prejudica, a mesma relativa liberdade dos outros individuos e está de acordo com a conjunção das

aspirações sociais e dependentes de numerosos numerosos factores deterministas, estamos de acôrdo.



Ainda dentro do assunto e ligado com a "autoridade" e "liberdade" de que ha-veis falado:

Nós consideramos a sociedade e os individuos que a compõem, tal como são, e não fora da natureza e da sociedade.

Querem um exemplo que nos serve?

Todos ou quasi todos, os que aqui estamos, presus somos revolucionários.

Somos, sem jaetaneia e vaidade, dos mais consciêntes dos membros do proletariado. De contrario não teriamos sido vitimas da burguesia.

No entanto os camaradas sabem o que tivemos de fazer em relação ao azeite.

Antigamente, cada camarada se servia a si próprio.

Alguns excediam-se na ma-

didã e outros ficavam sem azeite.

Determinamos que cada dia, em que houvesse azeite um camarada ficasse de jaehina ao azeite.

Já não temos a "liberdade" de tirar o azeite mas sim de o azeitar do jaehina que recebeu o nosso mandato.

Vós os "libertários" como nós, os "autoritários", somos igualmente autoritários e libertários, todos o distribuimos e todos o aceitamos.

Dirão que os nossos é que teriam provueado tal disposição.

Não disento.

Na revolução proletária procederiam do mesmo modo e as massas, lineo comparavelmente, dariam pior.

Teremos pois que ter "jaehinas" até que cada um se saiba servir, sem prejudicar os outros; nesta altura as "jaehinas" não serão necessárias.

Quando lá chegarmos terão desaparecido todas as formas coercivas, que também adoptais mas ás quaes vós pondeis o veu de libertários.

8

Sois anti-deterministas quando considerais o problema doutro forma. Eis como prouo a minha opiniao de que considerais a liberdade fora do determinismo!!

1º Interior da caserna 3 - Notai o aspecto da miséria que ali reina. Choga a ter 46 camaradas presos. A retrato é ao fundo, dentro da caserna.



O tecto não é forrado. Foi vertida chuva dentro. É, de todas as casernas da Fortaleza, a que tem mais luz e mais emelhor ar...

2º Alguns camaradas, tiram, com os seus corpos, a estétia simbólica da revolução proletária e as letras P.C. iniciais do Partido Comunista.



(Esta fotografia tem sido procurada com afã pela policia e pelo Comandol)

A U.R.S.S. E A S.d.n.



Dois mundos se encontram frente a frente: O mundo capitalista, e a sociedade socialista, em construção.

Nos países capitalistas a exploração e a opressão de mais de um bilhão de trabalhadores por uma minoria ínfima de algumas centenas de milhares de exploradores; é a regressão, a fome, que conduz à maioria das doenças e à morte, tornou-se, a bem dizer, epidémica; não são apenas alguns milhares de homens inválidos e doentes, detritos das sociedades onde campeia a exploração, não são os mendigos de existência milenária, que aparecem com os alvares da propriedade privada; são sim dezenas de milhões de homens, válidos, de trabalhadores que venderam a sua força de trabalho, como condição única de vida, através de toda a sua existência; são estes que se vêem hoje lançados na mais cruel das misérias, para onde arrastam suas famílias.

A crise económica, crise de super-

produção, segundo âles, de sub-consumo, segundo nós, tempestades desde 1929, ano em que ela começou, com o "cracking" da Bolsa de Nova York, tem feito mais estragos tem destruído mais productos do que a grande guerra.

Basta dizer-lhes que a industria norte americana, a mais poderosa organização industrial da burguesia, trabalha a 12% da sua capacidade total, que não compensa sequer o desgaste da própria maquinaria.

Todos evatecem como milhões de cabeças de gado vaeum são reduzidos a alimentos para os porcos, na Holanda, por ex; os porcos, uma vez gordos e carne gados de carne, são reduzidos a adubos para os campos; os campos reverdecem, eornbrem-se de espigas, prometedoras de pão, e esperam a ceiza que levará o trigo, não para ser consumido pelos trabalhadores, mas para serem queimadas ou lançados ao mar.

Entretanto temos fome e os

nosso filho estoiram com todas as doenças que a zome produz.

Conhecem, certamente, aquele diálogo entre uma polizoa, filha dum mineiro, e sua mãe;

- Mãe, tenho zrio; porque não ceendo o zação?

- Não temos carvão.

- Porque não temos carvão, minha mãe?

- Porque teu pai foi despedido da mina; já não trabalha.

- Porque foi ele despedido?

- Porque havia demasiado carvão, minha filha!

E está a contradição, cruelíssima para nós, do sistema capitalista:

Temos zrio e zome porque o carvão é demais e há pão em falta!

Frente a este mundo em ruínas, devastado pela zome, pela prostituição, pelas epidemias, pelas guerras, pela luta sangrenta, pela perspectiva da maior das guerras e da catástrofe ecológica que nos aguarda, levanta-se:

A União Soviética.

Ali, a alegria de viver e de trabalhar em benefício da sociedade toda e não de meia dúzia de exploradores, invade perto de du-

zentos milhões de seres.

"Dniepros, foi", Canal do Mar branco ao báltico "Canal do Volga

ao Doniu", "Magnitogorski"

"Donetz", "Kuznetz", "Sibirski", "centenas de milhares, de novos ca-

minhos de ferro e de estradas,"

Milhares de aviões comerciais!"

"Uma frota mercante marítima e fluvial enorme!"

"A liquidação do analfabetismo"

"centenas de milhares de escolas!"

"Ensino secundário obrigatório!"

"Escola gratuita para todos os tra-

balhadores," O aumento de nível

de vida dos trabalhadores, um

ritmo desconhecido na história"

de, etc, são as epopeias gran-

diosas e heroicas que a U.R.S.S.

escreve cada dia, na sua marcha

veloz para a sociedade comunista

sem classes.

São estas realizações, é a von-

tade criadora das massas que

as realizaram, só possível quan-

do elas estão livres da opres-

são e da exploração, que nós a-

presentamos aos que deturpam

a obra dos soviéticos e são os

argumentos mais decisivos e

que me inclinam decididamente

para dar todas as minhas e-

nergias e todo o meu ardor

juvenil à causa do proletariado



São, a trajos gerars, estes os dois mundos em luta.

A revolução e a contra-revolução entram no choque decisivo.

De um lado o capitalismo e a sua organização de há mais de um século, com a herança de mais de vinte séculos de exploração, de escravidão, de servidão.

Do outro, quatro factores fundamentais apressam a sua queda inevitável e iminente:

1º A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas;

2º A China Soviética;

3º As lutas de amanhadão das colónias e dos povos coloniais e dependentes;

4º Os Partidos Comunistas e as massas operárias e camponesas dos países capitalistas que os seguem.

Ná luta final, que se aproxima, vão entrar em conflito decisivo estas duas forças formidáveis. Nós eriamos e desenvolveremos as nossas forças ao máximo, para que vençamos rápido com um dispêndio mínimo de energias e para que a vitória seja total.

lucão Soviética e odiu a se desenvolveu nas condições particularmente favoráveis da grande guerra. Daí a convicção de muitas sacções de opinião, de que só com a guerra é possível a revolução.

O argumento mais forte para combater esta forma de ver é a revolução chinesa, que começa e se desenvolve, em tempo de paz, entre os países capitalistas.

Portanto não é, necessariamente, a guerra um elemento indispensável de revolução.

A desorientação das classes dominantes, a vontade de luta do proletariado e das classes exploradas, que se manifestou em tempo de guerra com particular acuidade, todas essas condições se verificam com os estragos da crise económica e vão aumentando de intensidade á medida que ela se agrava, numa situação em que a burguesia está entre a "espada e a parede".

Neste período pré-belicó, neste período em que o fascismo, em todos os países, se prepara para a guerra, como única saída do capitalismo, como arma única para combater a revolução proletária, as forças

Sabemos todos nós que a lero-

revolução proletária, as forças



revolucionárias e crescem enormemente.

Vejamos os factores apontados.

1º) A União Soviética, construindo.

1º Plano Quinquenal, dedica-se à construção do II. Este

significa um aumento de poderio económico, político e militar que pesa, com extraordinária evidência do lado da revolução.

Forja-se um Exército Vermelho invencível, esperança de milhões de proletários de todo o mundo.

Quanto mais tarde a guerra tanto maior poder contará a U.R.S.S., no momento da sua eclosão.

Portanto, é necessária a paz para se portalecer o factor revolucionário - União Soviética;

2º) A China Soviética ocupa um território com cerca de 1.500.000 quilómetros quadrados, do tamanho de Portugal, Espanha, França, Bélgica e Holanda juntos, com cerca de cem milhões de habitantes.

Já foram dirigidos contra ela seis campanhas dos Exércitos contra-revolucionários de Chang-Kai-Shek e do Kumin-tang. Vencemo-lo e as

nossas vitórias aumentam o poder da China Soviética. A paz da luta militar desenvolve-se uma acção económica, administrativa, política e cultural, sem duvida filha da experiência Soviética.

As condições de luta dos Soviéticos chineses contra os diversos imperialismos são óptimas; a paz relativa do resto do mundo é necessária para o alongamento da China Soviética e embora não impresse indel

3º) A luta pela independência dos povos coloniais e dependentes cresce nas condições actuais e enfraquece o imperialismo.

Quanto mais tempo durar a paz tantos mais povos seguirão o exemplo egípcio. A crise actualista esta luta.

Os musulmanos coligam-se; Os arabes estabelecem os príncipios duma pan-arabía que acabará com o poderio britânico no Proximo Oriente: O Hedjaz, a Transjordania, o Irão, o Irak, a Mesopotâmia, a Síria, o Yemen, a Turquia, o Oman, o Hadramaut, o Medjeded, cavam as sepulturas do Reino Unido.



Maroccos, a Índia, a Indo-China,

A Austrália, A União Sul-

Africana

A Birmania as Filipinas, etc.

Cuba, Costa Rica, Nicarágua,

S. Salvador, Chile, Venezuela,

Perú, Equador, Porto-Rico, etc.

etc., fortalecem as suas posições, enquanto a crise destrói o capitalismo pelas suas consequências, não só passivas, mas pela acção revolucionária conjunta do proletariado.

A paz é pois necessária para o fortalecimento deste factor revolucionário;

Li^o) Camaradas, saheis tão bem como eu, como os Partidos Comunistas aumentam a sua influência. Massas, cada vez mais numerosas, seguem a Internacional Comunista.

A nossa propaganda contra a guerra e a resistência contra todos os seus preparativos prepararam uma retaguarda dos exércitos beligerantes, que não lhes permitirá levar avante os seus projectos de rapina.

A certeza de que só o Governo Operário e Camponês poderá impedir a guerra, arrastá para a influência comunista todos os pacifistas e inimigos da

guerra.

É possível que nalguns países a revolução anteceda ou coincida com o estourar da guerra.

Mas, tantas mais probabilidades de vencer termos, quanto mais tardar a eclosão da guerra. A crise auxilia-nos e agrava quasi dum modo inverosímil, o capitalismo.

Trabalhamos pela paz para que a revolução se abrevie.

É preciso ter em atenção que a guerra vem porque a revolução cresce. Não é a guerra que traz a revolução, mas, pelo contrario, a revolução crescente é que provoca da parte da burguesia, a necessidade da guerra para que ela não morra.

Portanto devemos lutar pela paz



Que paz a União Soviética para a conseguir?

A Sociedade das Nações é um organismo criado para legalizar os Tratados de Versaillies, etc Tianon e todos os outros tratados de paz. Foi um organismo ao serviço da França e da Inglaterra, mas pelo sobretudo da França.

A França tem necessidade da paz, não quer o revisionismo, não quer a modificação dos tratados de paz que lhe dão um predomínio que nunca teve no mundo.

Trabalha pela paz porque necessita dela.

Seguem-na os países de pequena Entente, nascidas da guerra: A Checo-Eslováquia, a Iugo-Eslávia e Romania, que quasi duplicou os seus territórios.

Interessa a paz a Genebra hoje. A U.R.S.S. entrando na S.D.N. foi reerguer a luta pela paz.

A guerra ainda não estourou porque a U.R.S.S. está em Genebra. A França afastou-se da Itália porque a U.R.S.S. condena o imperialismo rapace da Itália, que quere despojar, dos seus territórios, a Abissínia.

Genebra devido os países capitalistas:

Alemanha, Japão, Itália, etc. dum lado, e França, Inglaterra, Pequena-Entente, Entente Balcânica etc. do outro.

É necessário activar-se a divisão dos países capitalistas. Uma frente-única deles seria perigosissimo para o proletariado mundial.

Os que atacam a entrada da U.R.S.S. para a S.D.N. desconhecem isto por certo ou, talvez conheçam, e nesse caso cometem um crime.



A entrada da U.R.S.S. para a S.D.N. tem sido aproveitada depois de deturpada, pela burguesia para nos atacar.

Faz parte da campanha do "aburguesamento" da União Soviética. Querem provar que o país dos Sovietes se transforma numa potencia imperialista.

São numerosos os exemplos de "aburguesamento" saídos das agências da C.I.L.A.C.C. (Comité Internacional de Luta Activa Contra o Comunismo), organização capitalista de combate ao comunismo.

Desde a degeneração de salarios, sobre o qual especulam até ao marechalato Vorochilov, o restabelecimento da árvore do Natal e quantos outros indícios de "aburguesamento", tudo tem sido lançado para estabelecer confusão no espirito dos trabalhadores dos países capitalistas, com o fim de os afastar da luta revolucionária

das principais potências para esmagarem o movimento comunista.

**GES
PCP**

Com o estalar da Revolução em mais alguns países do mundo, O capitalismo internacional que importa empreender uma acção enérgica e organizada, no terreno nacional e internacional, para esmagar a Revolução crescente, e cuja avalanche avassaladora parece minar os alicerces da velha sociedade burguesa e construir o edifício belo e gigante do Socialismo.

A acção isolada de cada governo, e a iniciativa particular de algumas sociedades alimentadas com capitais de alguns grupos de burgueses mais decididos, mas por isso mesmo mais temerosos, não consegue levantar um ataque suficientemente alto e forte de maneira a opor uma barreira à onda formidável do "espantalho" que percorre a Europa "é todo o velho mundo como dizia Marx. A semente comunista arraiga fortemente nas cons-

ciências dos trabalhadores e faz vibrar com uma nova esperança o sangue generoso da juventude ansiosa de novos caminhos que lhe dêem a sua alegria de viver. O comunismo invade os campos e como um clarim vibrante chama à luta os escravos da terra que sob a cúpula e gloriosa bandeira da Internacional Comunista se apresentam para o combate contra as formas feudais de exploração e pela conquista da terra que regam com o suor do seu rosto.

O comunismo invade as fábricas e chama a unir os proletários da ganga e do uniforme para firmemente unidos, lutarem pela sua emancipação.

O comunismo avança para o combate a juventude estudiosa que vê na Revolução o triunfo da ciência e o reconhecimento dos verdadeiros valores humanos.

O "espantalho vermelho" faz estremecer os alicerces da velha sociedade e é necessário impedir que o microbio

comunista se infiltre, perfure, convença.

A fórmula de empreender está defezada é rotulada com o distico, de "defeza da Civilização!"

Além da preocupação propriamente governamental há também a ação da policia que tem diante de si uma organização potente que vai estendendo as suas ramificações.

Desta dupla ação anti-comunista, surge em meados de 1927 o organismo cujas iniciais denominativas encabeçam estas linhas C.L.A.C. que quer dizer: Comitê Internacional de Luta Ativa contra o Comunismo. Este organismo funciona junto da Sociedade das Nações ainda que em aparência, independentemente do arripago dos povos. Este organismo é mantido financeiramente pelos diversos países especialmente interessados na luta anti-comunista, e delegam parte individuos que se têm especializado na repressão do movimento revolucionário, e directamente ao serviço dos

principais países imperialistas.

constituem parcela importante entre os membros da C.L.A.C., os russos brancos, cuja actividade anti-comunista é encarnicadamente perosa e desesperada á medida que a União Soviética se vai consolidando e o Socialismo vai renecendo nos variados ramos de actividade politica, social, económica e industrial da U.R.S.S.



C.L.A.C. tem á sua disposição todos os meios economicos e de propaganda de que necessita para cumprir á sua missão. Publica mensalmente uma revista em que são inseridas informações denunciando o movimento comunista, publicados os dados biográficos e característicos dos principais dirigentes comunistas dos países em que o movimento operário é legal ou semilegal; lança a mentira e a provocação, e conjunctando propositadamente a acção revolucionária de massas com os atentados e assaltos de natureza puramente criminosã, etc.

A sua principal actividade é conduzida em campanhas de difamação e propaganda anti-soviética. Para isso servem-se das principais agências telegráficas do mundo, cuja importância internacional pode dar autoridade a essas campanhas geralmente insultadas de ódio "branco".

Essas agências como a United Press, a agência Havas, a Rengo, D.N.B. "nazista" etc., mediante importantes quantias, publicam as mais fantásticas e enganadoras notícias acerca da vida na U.R.S.S.

É no C.I.A.C.C. que estas notícias são concebidas, e aquelas pequenas informações provocatórias que às vezes temos.

Nos casos de espionagem descobertos na U.R.S.S. tem-se descoberto que entre os indivíduos implicados nestes casos e o C.I.A.C.C. existem verdadeiras ligações o que demonstra claramente o papel provocatório e interventor deste organismo.

Os membros russos do C.I.A.C.C.

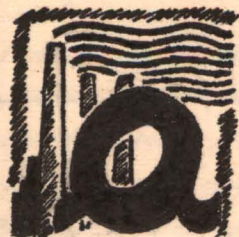
procuram aproveitar-se do apoio das diversas potências, aquela entidade, para organizarem actos de sabotagem, lançarem calúnias contra o regime soviético e organizarem a intervenção.

A vigilância constante da classe operária, o zelo abnegado e heroico dos trabalhadores e a luta persistente e organizada das massas vencerão todas as tentativas de aniquilamento do baluarte da Revolução Soviética Mundial e saberão frustrar a sua acção revolucionária e os golpes da reacção, da provocação, e da espionagem.



ORGANIZAÇÃO

CELULA DE FABRICA - CELULA DE RUA



A fábrica é o lugar onde se aglomeram as massas operárias. É ali que os interesses dos trabalhadores se opõem mais directamente aos da burguesia, e do patronato.

A técnica industrial moderna necessita de aglomerações enormes de operários em grandes empresas. A divisão, cada vez maior, do trabalho e a sua "racionalização" ou "taylorização", necessitam de um número enorme de trabalhadores.

As actuais condições do capitalismo, na sua fase final, tornam, particularmente difícil, a vida do proletariado. Por isso os conflitos, nos lugares de trabalho, são frequentíssimos em todo o mundo.

A luta de classes é mais evidente e directa onde existem as grandes concentrações

operárias.

O Partido procura colocar o seu centro de gravidade no seio das massas. É a razão pela qual prestamos a maior atenção ao trabalho nas fábricas, minas, transportes, etc.

Contudo, ainda dentro os centros fabris, há uns quantos que pela sua situação, pelo ramo de indústria a que se dedicam e pela sua importância, sob o ponto de vista massivo, nos interessam mais do que outros - são pontos estratégicos para os quais dirigimos o máximo dos nossos esforços.

Os ramos de indústria fundamentais, sob o ponto de vista político, são os que constituem as fábricas de material de guerra, as fábricas metalúrgicas, os arsenais, as centrais eléctricas e fábricas de gás, as fábricas de produtos químicos e alimentícias, transportes, telefones, telegrafos.

T.S.F., e, dumã maneira geral, todas as transformáveis em



fábricas produtoras de material de guerra ou que a ela sirvam directa ou indirectamente.



Tem havido alguma relutância da parte de muitos camaradas em se não organizarem nos locais de trabalho, por se julgarem assim mais ameaçados pela repressão patronal e policial e, ainda outros, por não compreenderem as razões de ordem política que apontamos.

A repressão é tanto mais favorecida quanto mais afastados estamos das massas. A nossa despesa, nas fábricas é mais fácil do que nos locais de habitação. Além de que, nas fábricas conhecemos os camaradas e sabemos distinguir os dos que nos possam prejudicar, conquanto que nas células de rua entram, com frequência elementos não operários, empregados e pequenos burgueses, entre os quais é mais fácil aparecerem provocadores.

Devemos procurar transformar, quanto possível as

células de empresa.

Consequimos assim aumentar o potencial do partido, cujo rendimento será superior.

Claro que não vamos destruir as células de rua, e passamos a não organizar, o que devemos fazer é ligar uma maior importância às células, organizadas nos locais de trabalho.

Balanco da Caixa
da nossa Célula no mês de janeiro.

Receitas

Subscrição entre as casernas e quartos	31\$20
Donativos	5\$00
Total	36\$20

Despesas:

Papel	11\$00
Tinta	9\$00
Fotografias	15\$90
Total	35\$90
Receitas	36\$20
Despesas	35\$90
Saldo	\$30

Nota - Nas despesas já está incluída a compra de parte de material para a confecção de "O Fogo" e o "Boletim" do mês de Fevereiro.

CENTRALISMO

DEMOCRÁTICO

A propósito duma discussão, um camarada asereve-nos a perguntar:

"Que é o centralismo democrático?"

"Quando falamos, nós os comunistas, em democracia não se depreende quase tratã (entre nós) da democracia no sentido rigoroso da palavra?"

"Centralismo democrático, democracia proletária, ou, simplesmente, democracia não será, para nós, uma e a mesma coisa embora às vezes para não dar azo a confusões com o conceito de democracia que a burguesia criou, nos vejamos obrigados ao emprego das duas primeiras expressões?"



O centralismo democrático é um conjunto de princípios adoptados na nossa organização.

Está intimamente ligado à disciplina do Partido.

Seguindo esses princípios nós

adoptamos as resoluções tomadas pelas maiorias nas nossas reuniões, de maneira que as resoluções, são obrigatoriamente cumpridas por todos, quer tivessem tido ou não opinião contrária.

Exemplificando:

numa reunião, aqui na casa, o nucleo da célula comunista e, levantava-se uma discussão:

Sim ou não, se poderia ter os candieiros acesos toda a noite?"

O nucleo tem 37 membros. Depois de discutida a questão, de todos os camaradas terem apresentado o seu modo de vêr; uns entendendo que à luz acesa não prejudicava, por quaisquer razões, e outros demonstrando que a luz impedia de dormir e que é possível

ter-se de dia; depois de mais ampla discussão na qual todos poderam, livremente, expôr o seu modo de vêr, era adoptada, por maioria, a resolução seguinte:

"Da uma hora as oito não devemos acender os candieiros"

Um camarada que procedesse de modo contrário, muito embora

Tivesse uma opinião contrária à maioria, comete uma infracção à nossa disciplina, procede de encontro aos princípios do centralismo democrático.

Outro princípio é o que se refere à execução das resoluções tomadas, por parte dos organismos superiores.

Todas as organizações do Partido cumprem as resoluções das organizações superiores.

(Como não ser assim se todas as organizações são eleitas pelos camaradas que vivem dentro do seu raio de acção)

Assim, o secretariado dum a célula é eleito pelos componentes da célula; um Comité Local é eleito numa Conferência local, conferência de todos os camaradas da localidade ou de delegados em número proporcional a eles. Isto é:

se não é possível assistirem todos os camaradas à Conferência adoptaremos o critério de, por exemplo, por cada 3, 4, 5, ou mais camaradas se nomeia um delegado. É claro que, conforme as conveniências, de acordo com as condições de trabalho, a proporção de delegados será

maior ou menor. No caso da assistência de todos os camaradas à Conferência, ela é mais democrática do que quando por 3 camaradas, por exemplo, assiste um delegado; neste caso o centralismo é maior. Portanto, conforme as necessidades, haverá maior democracia e menos centralismo ou menor democracia e maior centralismo.

Quando "abrimos as portas" do Partido, às massas, o recrutamento de camaradas é mais democrático do que quando, como agora, pelas condições de luta ilegal, somos forçados a um maior rigor na admissão de novos membros para o Partido.



O centralismo democrático é distinto de "democracia"; "democracia burguesa" e "democracia proletária".

"Democracia" é uma palavra derivada do grego, composta de demos (povo) e cracia (poder); portanto significa etimologicamente, isto é, segundo a origem, poder do povo. A Revolução Francesa, com os

seus direitos de homem e de cidadão, estabeleceu o sufrágio universal, que tem sido uma arma que a burguesia só tem servido para manter o seu domínio de classe.

Exerce uma ditadura, com o rótulo de democracia. É uma ditadura, pois que é o domínio dum classe sobre as demais.

Convenha manter a denominação de "democracia" para ludibriar as massas, para lhes dar falsa noção de exercerem um poder que, de facto, não exercem.

A democracia burguesa é, pois, a ditadura da classe burguesa.

A democracia proletária é a ditadura do proletariado, e o poder exercido pelo proletariado, depois de destruído o poder burguês.

"A Democracia dos soviets é mil vezes mais democrática das repúblicas burguesas!"

(Lenine).

Só podemos falar em democracia burguesa e democracia proletária, enquanto existirem classes.

Sem dúvida que uma vez elas destruídas, desde que passemos à sociedade comunis-

ta sem classes, não há já lugar para democracia proletária, por desaparecer o proletariado, como todas as outras classes sociais.

Nessa altura teremos abolida, com as classes, o Estado e toda a exploração e opressão.

Entretanto, a ditadura do proletariado constitui a mais democrática de todas as democracias.

No mundo capitalista 10% aproximadamente da população exerce uma ditadura (dita democracia) sobre os restantes 90% constituídos pelas trabalhadoras.

Só esses 10% têm direitos, pois que, apesar de dos outros os têm de nome, quando os têm são-lhes tiradas todas as possibilidades de os disputarem.

Na U.R.S.S. a imensa maioria da população é que exerce a ditadura, contra uma minoria ínfima, que desaparece como classe à medida que o socialismo se constrói.



Julgamos ter informado o camarada que nos dirigiu a pergunta, se bem que a traços muito gerais, sobre o que é o centralismo democrático, que a democracia burguesa e democracia proletária,

PANORAMA ESPANHOL

GES
PCP



O próximo mês de Fevereiro realizar-se-ão em Espanha as eleições para a constituição do novo Parlamento. Este acto, em harmonia, certamente, com os moldes da democracia burguesa, não incluído decidir da vida do proletariado espanhol vai, contudo, ter grandes repercussões no panorama político do país vizinho e marcar uma etapa séria no "processus" revolucionário da nova Espanha.

A luta eleitoral apresenta-se dominada pelo reflexo das heroicas lutas que o proletariado espanhol teve em Outubro de 1934 e contra a contra-revolução espanhola. Os embates de então, não tendo derrubado o regime capitalista, abalaram fortemente os alicerces da sociedade burguesa.

Nas Astúrias, onde triunfante, durante 18 dias a bandeira do poder operário e camponês. Tendo sido derrotado temporariamente, a classe operária soube, com rabi-

dez, erguer-se novamente e uma retirada com a moral necessário para manter o espírito de luta nas tropas de choque da Revolução.

O proletariado espanhol, hoje não incluído fazer a Revolução Social com as eleições, vai numa ampla frente anti-gaseista, conseguindo a eusta dum persistente trabalho de frente única levada a cabo pelo nosso Partido, e por uma barreira ao gaseismo valleanista de Gil Robles e ao avanço da reacção constituída pelos altos poderes eclesiásticos, financeiros, industriais e agrícolas. Sobre a vitória recente eleitoral anti-gaseista os nossos camaradas hespanóis avançarão rapidamente no caminho da Revolução proletária, na senda da conquista integral do Poder para os trabalhadores do campo e da cidade.

O Bloco da classe operária manter-se-á a consolidar-se-á para as grandes batalhas da classe que vencerão ao triunfo, das esquerdas nas eleições, e nas quais triunfará.



GES
PCP